



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Novembro 2023



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

NOVEMBRO: Pelo Papa

Rezemos pelo Papa, para que, no exercício da sua missão, continue a acompanhar na fé o rebanho a ele confiado, com a ajuda do Espírito Santo.

A oração é um dos pilares fundamentais da nossa missão. Sem a força que nos vem de Deus, não seríamos capazes de ajudar os Cristãos que sofrem por causa da sua fé.

Para ajudar estes Cristãos perseguidos e necessitados criámos uma grande corrente de oração e distribuámos gratuitamente esta Folha de Oração, precisamente porque queremos que este movimento de oração seja cada vez maior.

Por favor, ajude-nos a divulgá-la na sua paróquia, nos grupos de oração, pelos amigos e vizinhos. Não deite fora esta Folha de Oração. Depois de a ler, partilhe-a com alguém ou coloque-a na sua paróquia.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © AIS; © Ismaël Martínez Sanchez; © Hope Center

CAPA *Nossa Senhora do Ó*, Bradi Barth, © www.bradi-barth.org
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

O nosso Purgatório

A história que para a meditação deste mês de Novembro me ocorre é já antiga, e talvez já a tenha referido em alguma meditação neste espaço. Trata-se duma afirmação atribuída a S. João Berchmanns (1599-1621), um jovem religioso jesuíta, que, a propósito das penitências ou dos exercícios penitenciais que eram propostos aos jovens então, terá dito esta frase: *mea maxima poenitentia vita communis*, que quer dizer: a minha maior penitência é a vida em comum, a vida comunitária.

Aqui há muitos anos, talvez uns 20, citei esta frase numa das minhas aulas, a propósito justamente da noção da Igreja como *comunhão*, ou seja, como experiência de vida em comunidade, que a Igreja essencialmente é, chamando a atenção para o facto de que a vida em comum exige de todos um esforço permanente de purificação, de penitência, de mudança de vida, porque a vida em comum, a vida comunitária, não é uma experiência do Céu, mas também não é o inferno; a vida comunitária é comparável ao *purgatório*. Então, eu concluía: *a vida em comunidade é um purgatório*.

Um dos estudantes não se conformou com esta visão *purgativa* da vida em comunidade e veio protestar, respeitosamente, no fim da aula a sua discordância. Anos mais tarde, o mesmo estudante veio dizer-me que tinha pensado muito naquela aula e que agora, passados muitos anos, reconhecia que eu tinha razão e que, avançava mesmo, às vezes lhe parecia que a vida

em comunidade se aproximava mais do inferno do que do purgatório.

Ainda noutra ocasião alguém desabafava comigo: *mas terei de viver o resto da minha vida com tal pessoa?* Ao que respondi: tudo na vida é finito e, por mais desagradável que o seja, um dia acabará. Definitivo, portanto, sem fim, só o inferno ou o Paraíso. O resto está marcado pela finitude.

Ora isto vale tanto para as comunidades cristãs e religiosas, como para as famílias: não devemos idealizar a vida comunitária, como se alguém pudesse oferecer o paraíso a alguém neste mundo. A vida comunitária, e aqui está a sua beleza, é uma escola de formação, e mesmo aqueles que na comunidade, seja ela qual for, não nos querem tanto bem como desejávamos, têm uma função importante: além de nos ajudarem a purificar o nosso ego, fazem-nos apreciar mais e melhor aqueles que na mesma comunidade nos manifestam maior benevolência.

Pensando em Fátima e na sua mensagem, se vivermos a nossa existência como um tempo de purificação, o “tempo” do purgatório poderá ficar abreviado, e não teremos de ficar lá até ao fim do mundo. Aproveitemos este “mês das almas” para intensificarmos a nossa oração pelas benditas almas do purgatório, sobretudo por aquelas que não têm ninguém que se lembre delas.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:185.180 km²**População:**

18,9 milhões

Religiões:

Muçulmanos: 94,17 %

Cristãos: 3,84 %

Agnósticos: 1,89 %

Hindus: 0,01 %

Outros: 0,09 %

Língua:

Árabe



SÍRIA

DEVASTADA, MAS AINDA MAIS UNIDA

Após o sismo que provocou a morte de, pelo menos, 6 mil pessoas na Síria, Xavier Stephen Bisits, o responsável local pelos projectos da Fundação AIS, informa-nos sobre a situação da população ainda traumatizada.

Quando me dirigi ao norte da Síria, para me encontrar com a comunidade cristã, logo a seguir ao sismo, fui surpreendido por reacções radicalmente diferentes das que conhecia. “É a primeira vez em 10 anos, desde o início da guerra, que

agimos como nação”, confidenciou-me um amigo. Este terramoto, a pior catástrofe natural na região do século, opõe o homem à natureza. Por uma vez, não se trata de cristãos contra muçulmanos, ou de sunitas contra xiitas, ou de uma



Crianças sírias rezam a Nossa Senhora das Dores, Consoladora dos Sírios, apesar da destruição em Ghouta Oriental.

ideologia contra outra. Perante a fraqueza da resposta internacional, o cidadão sírio comum abriu o seu coração e a sua casa à entreatajuda, à alimentação e ao alojamento das pessoas deslocadas, mesmo quando, em muitos casos, mal conseguiam suprir as necessidades dos seus próprios filhos.

Os Cristãos ficaram igualmente comovidos com a resposta dos Católicos de todo o mundo que, através da Fundação AIS e da Igreja local, foram capazes de os ajudar mais eficazmente do que a ONU.

Mas alguns cristãos caíram em depressão profunda por ocasião do início da Quaresma que, nas Igrejas orientais, é acompanhada por um rigoroso jejum. Antes do terramoto, a maioria dos

Cristãos de Alepo, da Lataquia e de Idlib eram pobres. Hoje, são ainda mais pobres: as suas casas precisam de reparações, os seus carros foram destruídos pela queda de varandas ou a montra da sua loja precisa de ser refeita... E os seus filhos têm muito medo de dormir num prédio, ou acordam com pesadelos.

Alepo é uma das cidades mais antigas habitada continuamente nesta terra, tendo acolhido algumas das primeiras civilizações. Hoje, os seus habitantes vivem numa cidade que conserva o cunho da sua história majestosa, com as suas fachadas de arquitectura francesa, mas que ainda está meio arruinada pela guerra, e cujos habitantes se tornaram próximos dos países mais pobres do mundo. Um funcionário público sírio, profissão comum entre



Uma mãe abraça carinhosamente o seu filho na Igreja Ortodoxa Grega de Al-bishara, em Homs.

os Cristãos, ganha hoje entre 15 e 40 dólares por mês.

A Síria estava em crise antes do terramoto, mas hoje vive uma crise dentro da crise, em particular os Cristãos que foram perseguidos durante a guerra. Alguns, vítimas do terramoto, vivem na região de Idlib, controlada pelos Islamistas, onde as escolas cristãs são proibidas e as mulheres obrigadas a usar o véu.

Assim que aconteceu o terramoto, vários milhares de cristãos, e mesmo de não-cristãos, refugiaram-se nas igrejas e casas paroquiais. A Igreja, com a ajuda da Fundação AIS, estava presente para os ajudar: cobertores, alimentação e água. Hoje, a maioria das pessoas já teve a sua casa inspecionada por engenheiros para saber se podem regressar

em segurança. Os que não podem voltar a casa alugam um alojamento, muitas vezes apoiados pela Igreja, ou são acolhidos por membros das suas famílias noutras cidades. Hoje, em Aleppo, cerca de 1.400 pessoas vivem ainda nos abrigos. Os rumores levam muitas vezes as pessoas a voltar aos abrigos, mesmo quando a situação é segura, por medo ou para beneficiar de aquecimento e de alimentação.

A Igreja faz os possíveis para que os Cristãos possam ficar na Síria, apesar das dificuldades. Não só porque é a sua terra ancestral, mas também porque têm uma missão específica, sobretudo nestes momentos apocalípticos, em que muitos muçulmanos se interrogam sobre a fé cristã. Foi a propósito de D. Jeanbart, Arcebispo Emérito Melquita



Bairro de Aleppo destruído pelo sismo de 6 de Fevereiro de 2023.

de Aleppo, (miraculosamente incólume após o desabamento do prédio em que se encontrava e que fez várias vítimas), que o Pe. Emad Daher nos confidenciou no início de Março: *“Penso que os melhores missionários junto dos muçulmanos são os cristãos árabes. Vivem no mesmo país desde sempre, têm a mesma língua, a mesma cultura. A sua permanência neste lugar onde a Providência os colocou é vital para o testemunho a que o Senhor nos chamou. Estou convencido de que a sua presença é essencial e que é preciso lutar e fazer tudo o que é possível para os ajudar a ficar na sua terra.”*

Oração

*Para que os Cristãos na Síria possam voltar a viver em paz e harmonia nas suas terras de origem, **nós Te pedimos Senhor.***

APOIO PSICOLÓGICO

Apesar da psicologia na Síria não estar muito desenvolvida, a Igreja local investe toda a sua energia para apoiar as pessoas traumatizadas pelo sismo, oferecendo-lhes cuidados psicológicos profissionais e campos de férias, para que as crianças saiam das suas casas durante uma semana.



AS INDULGÊNCIAS

O que são as indulgências?

No **pecado mortal**, pelo qual perdemos a nossa comunhão com Deus, podemos distinguir três aspectos, a **culpa**, a **pena eterna**, e a **pena temporal**. A culpa e a pena eterna, à qual chamamos Inferno, são perdoadas por meio do sacramento da Reconciliação, e a pena temporal, devida em razão da desordem introduzida pelo pecado, é parcialmente expiada pela penitência imposta pelo confessor. A restante parte da pena temporal devida pelos nossos pecados ou é expiada nesta vida terrena ou será expiada na vida futura no Purgatório. Os cristãos que expiam a totalidade da pena temporal nesta vida após a morte vão directamente para o Céu sem passar pelo Purgatório. A pena temporal é expiada nesta vida com todas as boas obras e orações que fazemos por amor de Deus e do próximo, com todos os sofrimentos e contrariedades da vida que suportamos por amor de Deus e do próximo e ainda com as indulgências que podemos ganhar através da intervenção materna da Igreja. A Igreja tem o poder de aplicar os méritos infinitos de Cristo e dos seus santos e reduzir assim, total ou parcialmente, esta pena temporal por intermédio das indulgências.

A indulgência é portanto a remissão diante de Deus da pena temporal devida pelos nossos pecados, mortais ou veniais, já perdoados no sacramento da Confissão quanto à culpa e à pena eterna que o fiel adquire mediante a intervenção da Igreja, a qual, como servidora da redenção, dispensa e aplica com autoridade o tesouro dos méritos de Cristo e de todos os santos.

A indulgência diz-se **parcial** ou **plenária** conforme livre parcialmente ou totalmente o fiel da pena temporal.

Ninguém pode aplicar as indulgências que ganha por outra pessoa viva, mas pode aplicá-las, se assim o entender, pelos defuntos que estão no Purgatório em forma de sufrágio.

Quais são as condições para poder ganhar uma indulgência?

Para poder beneficiar das indulgências é necessário ser batizado, não estar excomungado, estar em estado de graça, estar sob a autoridade de quem concede a indulgência, ter intenção pelo menos geral de recebê-la e realizar a obra indulgenciada prescrita.

E quais são as condições adicionais para poder ganhar uma indulgência plenária?

Para ganhar uma **indulgência plenária**, ocorrem mais quatro condições: **confissão sacramental, comunhão eucarística, oração pelas intenções do Papa e não ter qualquer apego ao pecado mesmo que seja venial**. Se faltar alguma destas condições a indulgência é parcial.

As três primeiras condições podem ser cumpridas alguns dias antes ou depois de se realizar a obra prescrita. De qualquer maneira é conveniente que a comunhão sacramental e a oração pelas intenções do Papa se faça no mesmo dia em que se realiza a obra indulgenciada.

Apenas se pode receber uma indulgência plenária por dia excepto “in articulo mortis” que se poderá receber uma segunda.

Algumas obras e orações enriquecidas com indulgência plenária:

1. A visita de adoração ao Santíssimo Sacramento de, pelo menos, meia hora.
2. A bênção do Papa “urbi et orbi”, recebida com piedade e devoção mesmo através da rádio ou televisão.
3. A participação em exercícios espirituais com, pelo menos, três dias de duração.
4. A oração do Terço numa igreja, num oratório público, em família, em comunidade religiosa ou em uma pia associação.
5. A leitura da Sagrada Escritura por, pelo menos, meia hora.

6. A Via Sacra feita com as estações legitimamente erigidas.

7. “In articulo mortis”.

Algumas obras e orações enriquecidas com indulgência parcial:

1. Ao fiel que no desempenho dos seus deveres e com paciência perante as dificuldades da vida, eleva humildemente a alma a Deus, acrescentando, ainda que só mentalmente, uma pia invocação.
2. Ao fiel que guiado pela fé se empenha a si mesmo ou aos seus bens com espírito de misericórdia ao serviço dos seus irmãos necessitados.
3. Ao fiel que espontaneamente se abstém de alguma coisa lícita e agradável para si, com espírito de penitência.
4. Cada um dos actos de fé, esperança, caridade e contrição, recitados com devoção e segundo uma fórmula autorizada.
5. A visita de adoração ao Santíssimo Sacramento.
6. A oração ao Anjo da Guarda.
7. O “Angelus” e o “Regina caeli”.
8. A oração Alma de Cristo.
9. O acto de comunhão espiritual.
10. O Credo.
11. O Magnificat.
12. O sinal da cruz.
13. A Salve Rainha.
14. O “Tantum ergo”.
15. O “Te Deum”.
16. A renovação das promessas baptismais.

Alguns objectos enriquecidos com indulgências:

Alcança-se indulgência parcial, usando com devoção objectos de piedade benzidos por um sacerdote. Estes objectos são: o crucifixo ou a cruz, o terço, o escapulário, e as medalhas.

In https://santidade.net/folhetos/As_indulgencias.pdf



SOLENIDADE DE CRISTO REI

26 de Novembro

Na cruz, aparece uma única frase: **“Este é o rei dos judeus”** (Lc 23, 38). Eis o seu título: **Rei**. Mas, observando Jesus, inverte-se a ideia que temos de um rei. Tentando visualizá-lo, pensaremos num homem forte sentado num trono com preciosas insígnias, um ceptro na mão e anéis brilhantes nos dedos, enquanto solenemente fala aos súbditos. Tal seria, em linhas gerais, a imagem de um rei que temos na cabeça. Mas fixando Jesus, vemos que é completamente diferente. Não está sentado num trono confortável, mas pendurado num patíbulo; o Deus que “derruba os poderosos de seus tronos” (Lc 1, 52), **comporta-Se como servo cravado na cruz pelos poderosos; adornado apenas com cravos e espinhos, despojado de tudo mas rico de amor**. Do trono da cruz, já não ensina as multidões com a palavra, nem levanta a mão para ensinar; faz mais: não aponta o dedo contra ninguém, mas abre os braços a todos. **Assim Se manifesta o nosso Rei: de braços abertos – a brasa aduerte**.

E só entrando no Seu abraço é que compreendemos que Deus Se deixou levar até àquele ponto, até ao paradoxo da cruz, precisamente para abraçar tudo em nós, incluindo quanto havia de mais distante d’Ele: a nossa morte (Ele abraçou a nossa morte), o nosso sofrimento, as nossas pobreza, as nossas fragilidades e as nossas misérias. Ele abraçou tudo isto. Fez-Se servo para que cada um de nós se sentisse filho (com a sua servidão pagou a nossa filiação); deixou-Se insultar e escarnecer, para que, em qualquer humilhação, já nenhum de nós estivesse sozinho; deixou-Se despojar, para que ninguém se sentisse despojado da sua dignidade; subiu à cruz, para que, em cada crucificado da história, houvesse a presença de Deus.

Eis o nosso Rei, Rei de cada um de nós, Rei do universo, porque atravessou os confins mais remotos do humano, entrou nos buracos negros do ódio, nos buracos negros do abandono para iluminar cada vida e abraçar toda a realidade. Irmãos, irmãs, tal é o Rei que hoje festejamos! Não é fácil de compreender, mas é o nosso Rei. Eis a pergunta que devemos pôr-nos: **mas este Rei do universo é o Rei da minha existência? Eu creio n'Ele? Como posso celebrá-Lo Senhor de tudo, se não Se torna também o Senhor da minha vida?** (...)

Mas fixemos de novo os olhos em Jesus Crucificado. Vê! Ele não observa a tua vida apenas durante um momento, não te dedica só um olhar fugaz, como fazemos nós muitas vezes com Ele, mas permanece ali *a brasa aduerte* a dizer-te no silêncio que nada de ti Lhe é estranho, que te quer abraçar, levantar, salvar assim como és, com a tua história, as tuas misérias, os teus pecados. Mas, Senhor, isto é verdade? Com as minhas misérias... Tu amas-me assim? Neste momento, cada um pense na sua própria pobreza: “Mas, Tu amas-me com toda esta pobreza espiritual que sou, com estas limitações?” **Ele sorri e faz-nos compreender que nos ama e deu a vida por nós.**

Pensemos um pouco nos nossos limites, mas também nas coisas boas. Ele ama-nos como somos, como somos agora. Ele dá-te a possibilidade de reinar na vida, se te abandonares ao Seu amor cheio de mansidão, que se propõe mas não se impõe (o amor de Deus nunca se impõe), ao Seu amor que sempre te perdoa. Nós muitas vezes cansamo-nos de perdoar às pessoas e, sobre elas, como que pomos o sinal da cruz, fazemos o seu enterro social. Ele nunca Se cansa de perdoar... nunca, nunca: sempre te põe de pé, sempre te devolve a tua dignidade real. Pensa: a nossa salvação, donde vem? Vem do facto de nos deixarmos amar por Ele, porque só assim somos libertos da escravidão do nosso egoísmo, do medo de estar sozinho e pensar que não vamos conseguir. **Com frequência, irmãos, irmãs, coloquemo-nos diante do Crucificado, deixemo-nos amar, para que aqueles *brasa aduerte* nos abram, também a nós, o Paraíso, como ao “bom ladrão”.** Sintamos como que dirigida a nós aquela frase, a única que ouvimos hoje Jesus dizer na cruz: “Estarás comigo no Paraíso” (Lc 23, 43). Isto é o que Deus quer para nós, e no-lo quer dizer a todos nós, sempre que nos demoramos sob o Seu olhar. E então compreendemos que não temos um Deus desconhecido, lá em cima nos céus, poderoso e distante. Não! Mas um Deus próximo. **A proximidade é o estilo de Deus: proximidade, com ternura e misericórdia. Tal é o estilo de Deus, e não tem outro: próximo, vizinho e terno; terno e compassivo, cujos braços abertos consolam e acariciam. Eis o nosso Rei!**

Irmãos, irmãs, depois de O termos contemplado, que mais podemos fazer? O Evangelho de hoje coloca à nossa frente **dois caminhos: diante de Jesus, temos quem se comporta como espectador e quem se envolve.** Os espectadores são muitos; é a maioria. Olham; ver morrer alguém na cruz é um espectáculo. De facto – diz o texto – “o povo permanecia, ali, a observar” (23, 35). Não era má gente, muitos eram crentes, mas à vista do Crucificado, permanecem espectadores: não movem

um passo na direção de Jesus, mas olham-No de longe, curiosos e indiferentes, sem verdadeiramente se interessar nem perguntar que podem fazer. Terão comentado (“mas olha este...”), terão formulado juízos e opiniões (“mas é inocente... e termina assim?”), alguém tê-Lo-á até lamentado, mas todos ficaram a olhar sem nada fazer, de braços cruzados. E até há espectadores perto da cruz: os chefes do povo, que querem assistir ao espectáculo cruento do fim infame de Cristo; os soldados, que esperam que termine rapidamente a execução a fim de voltar para casa; um dos malfeitores, que descarrega o seu ódio sobre Jesus. Escarnecem, insultam, dizem de sua justiça.

Todos estes espectadores compartilham um refrão, que o texto repete três vezes: “Se és rei, *salva-Te a Ti mesmo*” (cf. 23, 35.37.39). Insultam-No assim, desafiam-No! *Salva-Te a Ti mesmo*! Exactamente o contrário daquilo que está a fazer Jesus, que pensa não em Si, mas em salvá-los a eles que O insultam. E aquele dito “*salva-Te a Ti mesmo*” propaga-se como que por contágio: desde os chefes passando pelos soldados e chegando à gente, a onda do mal atinge quase todos. Pensemos como é contagioso o mal! Contagia-nos como quando apanhamos uma doença infecciosa, que nos contagia imediatamente. Aquela gente fala de Jesus, mas não se sintoniza com Jesus nem um momento sequer. Põe-se à distância e fala.

É o contágio letal da indiferença. A indiferença é uma doença ruim: “isto não me diz respeito, não tem a ver comigo”. **Indiferença para com Jesus e indiferença também para com os doentes, os pobres, os miseráveis da terra.** Gosto de perguntar às pessoas e faço-o também aqui a cada um de vós. Sei que cada um de vós dá esmola aos pobres, e eu pergunto: “Quando tu dás esmola aos pobres, olha-los nos olhos? És capaz de olhar nos olhos aquele pobre, homem ou mulher, que te pede esmola? Quando dás esmola aos pobres, atiras a moeda ou tocas-lhe a mão? És capaz de tocar uma miséria humana?” Depois cada um dê a resposta, hoje.

Aquela gente vivia na indiferença. Fala de Jesus, mas não se sintoniza com Ele. E este é o contágio letal da indiferença, que cria distâncias relativamente às misérias. A onda do mal espalha-se sempre assim: começa-se por se colocar à distância, observar sem nada fazer e não se importar, depois pensamos só naquilo que nos interessa e habituamo-nos a virar a cara para o outro lado. Isto é um risco que corre também a nossa fé, que definha se permanecer uma teoria sem se fazer vida prática, se não houver envolvimento, se não nos gastarmos pessoalmente, se não nos comprometermos. Então, tornamo-nos cristãos de fachada (cristãos tipo “água-de-colónia”, como ouvia dizer na minha casa), que dizem acreditar em Deus e querer a paz, mas não rezam nem cuidam do próximo. Não interessa Deus nem a paz, a estes cristãos apenas de língua, superficiais.

Esta era a onda má que se encontrava no Calvário. Mas há também a onda benfazeja do bem. Entre muitos espectadores há um que se envolve, isto é, o “bom ladrão”. Os outros zombam do Senhor, ele fala-Lhe e chama-O pelo nome: “Jesus”; muitos

descarregam sobre Ele o seu ódio, ele confessa a Cristo os seus erros; muitos dizem “salva-Te a Ti mesmo”, ele reza: “Jesus, lembra-Te de mim” (23, 42). **Pede apenas isto ao Senhor. É uma linda oração! Se cada um de nós a rezasse todos os dias, estaria na boa estrada, a estrada da santidade: “Jesus, lembra-Te de mim”. Assim, um malfeitor torna-se o primeiro santo: aproxima-se de Jesus por um instante, e o Senhor estreita-o a Si para sempre.** Ora, o Evangelho fala-nos do bom ladrão para nos convidar a vencer o mal, deixando de ser espectadores. Por favor! A indiferença é pior do que fazer o mal. E donde havemos de começar? **Da *confidência*, de chamar a Deus pelo nome, precisamente como fez o bom ladrão, que, no fim da vida, reencontra aquela confiança corajosa das crianças que confiam, pedem, insistem. E, na *confidência*, admite os seus erros, chora não por si mesmo, mas diante do Senhor.** E nós, temos esta confiança, trazemos a Jesus aquilo que somos dentro ou maquilhamo-nos diante de Deus, talvez com um toque de sacralidade e de incenso? Por favor, não viver a espiritualidade da maquilhagem: é fastidiosa. Diante de Deus, apenas água e sabão! Sem maquilhagem, mas a alma apresenta-se assim como ela é. E daqui vem a salvação. **Quem pratica a *confidência*, como este bom ladrão, aprende a *intercessão*, aprende a levar a Deus aquilo que vê, os sofrimentos do mundo, as pessoas que encontra; aprende a dizer-Lhe, como o bom ladrão: “Lembra-Te, Senhor!” Não estamos no mundo apenas para nos salvar a nós mesmos. Não; mas para levar os irmãos e as irmãs ao abraço do Rei. O facto de interceder, de lembrar ao Senhor, abre as portas do Paraíso.** Mas nós, quando rezamos, intercedemos? “Lembra-Te, Senhor! Lembra-Te de mim, da minha família, lembra-Te deste problema... lembra-Te... lembra-Te...” Devemos atrair a atenção do Senhor.

Irmãos, irmãs, hoje o nosso Rei olha-nos da cruz a *brasa aduerte*. Cabe a nós escolher sermos *espectadores* ou *envolvidos*. Sou espectador ou quero envolver-me? Vemos as crises de hoje, o declínio da fé, a falta de participação... E que fazemos? Limitamo-nos a fazer teorias, limitamo-nos a criticar, ou arregaçamos as mangas, comprometemo-nos na vida, passamos do “se” das desculpas ao “sim” da oração e do serviço? Todos pensamos saber o que está errado na sociedade. Todos! Falamos todos os dias do que está errado no mundo e também na Igreja. Tantas coisas erradas na Igreja! Mas, depois, fazemos alguma coisa? Metemos as mãos na massa, como o nosso Deus pregado no madeiro, ou ficamos a olhar com as mãos nos bolsos? Hoje, enquanto Jesus, despido na cruz, tira todo o véu sobre Deus e destrói toda a falsa imagem da Sua realeza, olhemos para Ele a fim de encontrar a coragem de olhar para nós mesmos, percorrer os caminhos da *confidência* e da *intercessão* e fazer-nos servos para reinarmos com Ele. “Lembra-Te, Senhor, lembra-Te”: façamos esta oração com maior frequência! Obrigado.

Papa Francisco, Homilia na Missa da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, Piemonte, 20 de Novembro de 2022

PE. BAKO FRANCIS AWESUH 37 ANOS

NIGÉRIA, UMA FERIDA QUE SANGRA

Um padre
conta o seu
rapto por
pastores
Fulani



Testemunhos de vítimas de perseguição e violência

Os raptos são uma imagem de marca das organizações terroristas na Nigéria, incluindo o Boko Haram e o Estado Islâmico na África Ocidental, sendo os membros do clero cada vez mais visados. Durante mais de um mês, na Primavera de 2021, o Pe. Bako Francis Awesuh, sacerdote na Paróquia de S. João Paulo II, em Gadanaji, área do governo local de Kachia, no estado de Kaduna, foi mantido em cativeiro por pastores muçulmanos Fulani acusados de ataques mortais a agricultores cristãos ao longo do Cinturão Médio da Nigéria. O Pe. Awesuh descreveu o seu calvário numa entrevista recente à Fundação AIS.

Aconteceu a 16 de Maio, exactamente às 23h. Ouvi tiros e desliguei rapidamente a televisão. Ao apagar a luz, vi sombras e ouvi passos. Abri cuidadosamente a cortina para ver o que se estava a passar. Vi cinco pastores Fulani de grande porte e bem armados. Reconheci-os pela sua forma de vestir e pelo modo como falavam. Fiquei ali confuso, sem saber o que fazer, porque me sentia completamente perdido. Bateram à porta. As minhas pernas ficaram frias e o meu corpo rígido. Estava a suar muito.

Eles continuaram a bater à porta, mas, com medo, recusei-me a abrir a porta. Eles arrombaram a porta e entraram à força. Um dos homens empurrou-me para o chão, amarrou-me e açoitou-me sem piedade, dizendo *ka ki ka bude mana kofa da tsori* (“estás a ser torturado porque nos deixaste lá fora durante muito tempo e recusaste abrir a porta quando batemos”). Despiram-me e deixaram-me de calções.

Fui raptado juntamente com 10 dos meus paroquianos. Caminhámos durante três dias no mato sem comida nem água, alimentando-nos apenas de mangas. Tínhamos fome, estávamos cansados, fracos, doíam-nos muito as pernas e tínhamos os pés inchados porque caminhávamos descalços.

Choveu no segundo e no terceiro dia, mas tínhamos de continuar a andar.

No terceiro dia, chegámos a um acampamento no meio da floresta. No acampamento havia uma pequena cabana onde nos mantiveram. Quando chegámos, serviram-nos arroz com óleo e sal, como aos presos. Essa foi a nossa rotina alimentar durante toda a nossa estadia no mato. As mulheres que foram raptadas comigo cozinhavam. Passámos um mês e cinco dias no mato.

Não nos deixaram tomar banho durante todo o nosso cativeiro. Tínhamos de urinar e defecar na cabana. Cheirávamos a cadáveres e a cabana cheirava a casa mortuária.

Fomos torturados e ameaçados de morte se não lhes fosse pago um resgate

de 50 milhões de nairas (cerca de 111.000 €). Fizeram um telefonema às nossas famílias para que pagassem o resgate em troca das nossas vidas. As nossas famílias suplicaram e negociaram com os raptadores, até que finalmente aceitaram a quantia de sete milhões de naira (15.700 €).

Entretanto, alguns dos meus paroquianos tinham tentado resgatar-nos. Três pessoas perderam a vida no processo: Jeremiah Madaki, Everest Yero, o nosso secretário paroquial, e um homem idoso.

Tinham conseguido encontrar-nos.

Que tristeza ter assistido a três dos meus paroquianos serem mortos a tiro a sangue frio, mesmo diante dos meus olhos - e eu não poder fazer nada. Foi muito doloroso! Naquele momento, senti-me impotente, sem esperança, inútil, e inquieto! Desejei muito que a morte me levasse, pois a cena dos assassinatos continuava a passar na minha cabeça. Não conseguia rezar por causa do choque. Sempre que abria a boca para rezar, ficava sem palavras. Tudo o que eu conseguia dizer era “Senhor, tem misericórdia”.

Por fim, as nossas famílias conseguiram pagar o resgate, e, para maior glória do nome de Deus, fomos libertados e sobrevivemos. Escapei por pouco da morte. Sei de muitos padres que foram raptados, antes e depois de mim, que foram mortos mesmo depois de um resgate ter sido pago.

Depois, fiquei traumatizado e precisei de aconselhamento. Também passei algum tempo no hospital. Actualmente, continuo escondido, por razões de segurança e para recuperar totalmente. O amor que recebi e senti da minha família, dos amigos e especialmente da Igreja foi enorme.

Os ataques dos Fulani tornaram-se muito comuns do estado de Kaduna. Por isso, apelo à comunidade internacional para que, por favor, venha em nosso auxílio.

PORTUGAL

A 22 de Agosto, quando se assinalou o Dia Internacional das Vítimas de Violência Religiosa, a Fundação AIS chamou a atenção para a perseguição aos Cristãos e outros grupos religiosos, recordando que a liberdade de crença é um direito humano inalienável.

ESPANHA

A Fundação AIS atribuiu o prémio Liberdade Religiosa 2023 aos dois seminaristas nigerianos que sobreviveram a um rapto em Kaduna no início do ano de 2020. Um rapto que terminaria de forma dramática com o assassinato de Michael Nnadi, com apenas 18 anos. O prémio foi entregue no dia 5 de Outubro, em Madrid.

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

TERRA SANTA

A Fundação AIS tem procurado mobilizar os seus benfeitores e amigos em todo o mundo e oração pela paz na Terra Santa, mergulhada novamente, desde o dia 7 de Outubro, num conflito armado de enormes proporções. A presidente executiva internacional da fundação pontifícia afirmou mesmo estar “consternada” com o que se está a passar e apelou, em união com o Papa Francisco e os responsáveis das Igrejas em Jerusalém, à oração de todos pela paz.



NIGÉRIA

Três irmãs, que pertencem à congregação das Filhas Missionárias de *Mater Ecclesiae*, foram libertadas na sexta-feira, dia 13 de Outubro, após terem sido raptadas oito dias antes, quando iam a caminho de um funeral no estado de Imo, no sul do país. Na ocasião foram também raptados um seminarista e o motorista que conduzia o grupo, tendo a libertação de ambos ocorrido um dia mais tarde, no sábado, 14 de Outubro.

MOÇAMBIQUE

Foi há seis anos que começou a violência terrorista em Cabo Delgado, a província mais a norte de Moçambique. A data, 5 de Outubro, não foi esquecida pela Diocese de Pemba, e numa mensagem enviada à Fundação AIS denuncia que no corrente ano de 2023 têm ocorrido “constantemente novos ataques”, e que isso deixa “a população aterrorizada”.

ORAÇÃO DO ADVENTO



Façamos nossa esta invocação característica do Advento:

“Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22, 20).

Com esta invocação, termina o livro do Apocalipse:

“Vem, Senhor Jesus!”

Podemos dizê-la ao princípio de cada dia e repeti-la com frequência, antes das reuniões, do estudo, do trabalho e das decisões a tomar, nos momentos mais importantes e nos de provação:

Vem, Senhor Jesus!

Uma oração breve, mas vinda do coração.

Repitamo-la neste tempo de Advento:

“Vem, Senhor Jesus!”

Papa Francisco



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt